

## ECOTURISMO EM BARRA DO CUNHAÚ/RN: PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS DA COMUNIDADE SOBRE A “CAIACADA ECOLÓGICA”

**BÁRBARA BENNELE BEZERRA ALBUQUERQUE ANDRADE<sup>1</sup>**

**ORCID – 0009-0005-2055-0215**

**JOÃO VICTOR HORTENCIO<sup>2</sup>**

**ORCID – 0000-0002-9362-4431**

**GILBERTO CORREIA DOS SANTOS<sup>3</sup>**

**ORCID – 0000-0003-4671-4263**

**SUELI APARECIDA MOREIRA<sup>4</sup>**

**ORCID – 0000-0002-0558-5808**

Recebido em 06.03.2024

Aprovado em 03.09.2024

---

### Resumo

O turismo ecológico ou ecoturismo com planejamento adequado promove o desenvolvimento regional. A comunidade de Barra do Cunhaú, localizada no município de Canguaretama/RN, com rico potencial natural tem se destacado por conta da “Caiacada Ecológica”. O evento consiste numa aventura pelo Rio Cunhaú com caiaque, organizado anualmente pela comunidade. Nesse contexto, o presente estudo objetivou investigar a percepção dos empresários locais sobre a Caiacada Ecológica, verificando se o evento contribui para o desenvolvimento sustentável. Portanto, realizou-se pesquisa de natureza qualitativa, coletando dados por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas baseadas no método da história oral. Notou-se um descontentamento dos empresários entrevistados em relação à falta de investimento do setor público na infraestrutura turística e no fornecimento de serviços básicos para a localidade. É notória a presença da comunidade na organização do evento. Constatou-se a existência de conflitos e uma eventual concentração do fluxo turístico em determinados empreendimentos. Além disso, a observação participante e as entrevistas indicaram uma preocupação ambiental e a busca por um desenvolvimento mais sustentável.

**Palavras-chave:** Turismo Sustentável. Turismo Ecológico. Desenvolvimento sustentável. Turismo de base comunitária. Desenvolvimento local.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Brasil. [bennele@gmail.com](mailto:bennele@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Turismo pela Universidade de São Paulo. Brasil. [joavictorhortencio@hotmail.com](mailto:joavictorhortencio@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Brasil [gilbertocorreia dossantos1969@gmail.com](mailto:gilbertocorreia dossantos1969@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Ciências - Ecologia Aplicada pela Universidade de São Paulo, Brasil. Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. [suelimoreira@alumni.usp.br](mailto:suelimoreira@alumni.usp.br)

# ECOTOURISM IN BARRA OF CUNHAU, BRAZIL: PERCEPTION OF THE COMMUNITY'S ENTREPRENEURS ON THE ECOLOGICAL "CAIACADA"

## Abstract

Ecological tourism or ecotourism with proper planning promotes regional development. The community of Barra do Cunhau, located in the municipality of Canguaretama/RN, with rich natural potential, has stood out because of the "Ecological Caiada". The event consists of an adventure along the Cunhau River with kayak, organized annually by the community. In this context, the present study aimed to investigate the perception of local entrepreneurs about the Ecological Caiada, verifying whether the event contributes to sustainable development. Therefore, a qualitative research was carried out, collecting data through participant observation and semi-structured interviews based on the oral history method. It was noted a discontent of the interviewed businessmen in relation to the lack of investment by the public sector in tourism infrastructure and in the provision of basic services for the locality. The presence of the community in the organization of the event is notorious. The existence of conflicts and a possible concentration of the tourist flow in certain enterprises were found. Furthermore, participant observation and interviews indicated an environmental concern and the search for more sustainable development.

**Keywords:** Sustainable tourism. Ecological Tourism. Sustainable development; Community-based tourism. Local development.

## 1. INTRODUÇÃO

É cada vez mais frequente a busca pelo turismo na natureza, em seus diferentes segmentos. Entre eles, destaca-se o ecoturismo ou turismo ecológico, que tem como concepção o uso de forma sustentável do patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação, buscando a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente e promovendo o bem-estar na interação socioambiental (Affonso; Costa-Pinto; Alves, 2022). O ecoturismo pode ser uma alternativa sustentável de utilização e conservação dos recursos naturais, proporcionando vivências exclusivas ao turista e oferecendo uma experiência imersiva em determinada cultura, além de poder valorizar pequenas iniciativas locais (Teles, 2011).

Para a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2004), o turismo sustentável relaciona as expectativas dos turistas e dos destinos receptores, contemplando a gestão dos recursos sociais e econômicos, mantendo a integridade cultural, a diversidade biológica e os sistemas de suporte à vida. Quando a comunidade anfitriã ou os sujeitos autóctones

do lugar são os agentes do planejamento turístico, a comunidade se vê representada na atividade e tende a ter uma visão mais favorável do turismo. A participação da comunidade é importante para que o desenvolvimento gerado pelo turismo seja compatível com a realidade local, pois a comunidade receptora é sempre a mais afetada com a realização desta prática (Carvalho *et al.*, 2021). A comunidade é o núcleo mais valioso de qualquer destino, por isso, as políticas públicas devem estar centradas nesse grupo social, procurando qualificar profissionalmente, estimular o surgimento de lideranças e o desenvolvimento da região (Fernandes, 2011).

O contexto do presente estudo é o da comunidade da Barra do Cunhaú, localizada no município de Canguaretama, no Estado do Rio Grande do Norte (RN), distante aproximadamente 90 km de Natal. Em 2005, a comunidade de Barra do Cunhaú criou um evento que contempla o passeio de caiaque nas águas dos rios da região, chamado Caiacada Ecológica; sendo organizado anualmente e idealizado originalmente por moradores da comunidade.

As atividades de ecoturismo contemplam uma variedade de experiências, desde trilhas e caminhadas até a observação da fauna e flora. Essas práticas são consideradas de baixo impacto ambiental, aliadas à promoção de uma conscientização ambiental (Pinheiro; Levino; Lima Filho, 2021). No Brasil, as diretrizes do ecoturismo incluem a conservação, a sustentabilidade e a interpretação ambiental, além do envolvimento da comunidade local (Mtur (2010) e, portanto, condizem com o atual Plano Nacional de Turismo 2024 – 2027 (Brasil, 2024), nomeado de “O turismo como protagonista do desenvolvimento social e inclusivo”.

Com respeito ao protagonismo da comunidade no turismo em Barra do Cunhaú, evidencia-se a importância do planejamento adequado para instrumentalizar o turismo atrelado à educação ambiental, pautadas no desenvolvimento sustentável para mitigar os efeitos do evento para a localidade. Trata-se de uma prática turística inserida em uma pequena comunidade pesqueira, onde demanda reconhecer o protagonismo decisivo desse grupo social, sem perder de vista a conjuntura de uma área de rica complexidade ambiental. Destarte, o presente estudo tem como objetivo averiguar a percepção dos empresários locais sobre a Caiacada Ecológica, verificando se o evento contribui para o

desenvolvimento sustentável considerando as peculiaridades dessa área de estuário e o desafio do sustento da comunidade através da atividade turística.

Estruturou-se o artigo em cinco seções: introdução; revisão da literatura; metodologia; resultados; considerações finais. Na próxima seção, desenvolve-se a revisão de literatura sobre desenvolvimento sustentável e educação ambiental, o ecoturismo e a comunidade e o turismo de aventura.

## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 *Desenvolvimento Sustentável* e o turismo como estratégia para educação ambiental**

Apesar de ter surgido na Conferência Internacional das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, o termo “desenvolvimento sustentável” foi difundido em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Brundtland, 1987). O conceito sustentável é amplo e se baseia nos âmbitos sociais, econômicos, ecológicos e culturais. O relatório de Brundtland (1987) elaborou uma série de medidas para promover o desenvolvimento sustentável. Posto isso, o próprio relatório definiu desenvolvimento sustentável como o tipo de desenvolvimento que satisfaz às necessidades da atual geração, sem colocar em risco a capacidade de atender as gerações futuras.

O planejamento adequado é importante para alcançar o propósito de desenvolvimento sustentável do turismo, minimizando os impactos negativos e maximizando as consequências positivas (Teles, 2011). O uso de maneira racional e equilibrada do meio natural deve ser a base para a promoção do desenvolvimento sustentável, dado que não se pode pensar em desenvolvimento sustentável sem sustentabilidade, pois esse é um dos princípios desse tipo de desenvolvimento (Pinheiro *et al.*, 2021). No entanto, pode-se dizer que este é um dos maiores desafios do planejamento turístico, dado que depende da conscientização de todos os agentes do turismo, especialmente de políticas de incentivo emancipadoras por parte do poder público. Para Swarbrooke (2000), o turista tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento sustentável por meio de seus atos. Acredita-se que o turismo sustentável pode estimular uma preocupação ambiental, social e econômica através de uma compreensão dos

impactos do turismo no local no qual é praticado. Nesse sentido, o turismo pode tornar as pessoas mais conscientes e sensibilizadas.

O turismo relacionado ao meio ambiente é um tema de grande abrangência, compreendendo os conceitos de ecoturismo, turismo de aventura e outros tipos de turismo que possuem os patrimônios naturais e culturais como de relevância turística (Camargo; Coelho, 2021). O fenômeno turístico pode gerar empregos, distribuir renda, contribuir para a economia, minimizar desequilíbrios locais e incentivar a preservação do patrimônio local. Por outro lado, também pode causar impactos negativos, como a: degradação do ambiente, perda de identidade, sobrecarga da infraestrutura local, dentre outros (Hernández; Martínez; Santoyo, 2021).

É preciso encontrar um ponto de equilíbrio entre a conservação do meio ambiente em seu estado atual e o desenvolvimento necessário para proporcionar empregos, bem-estar social, valorização cultural e ambiental (Swarbrooke, 2000). O turismo e o meio ambiente estão intrinsecamente conectados e são interdependentes. As atividades turísticas que estão ligadas ao meio ambiente se apropriam da natureza e da paisagem como produto turístico e, para garantir sua continuidade a longo prazo, deve-se prezar para que haja preservação do meio ambiente e as pessoas envolvidas nas atividades sejam ecologicamente conscientes (Swarbrooke, 2000).

A educação ambiental, em uma perspectiva de construção crítica, requer a formação de indivíduos capazes de utilizar os recursos da natureza, respeitando os aspectos ambientais. Segundo a Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), em seu artigo primeiro, a educação ambiental é caracterizada como os processos que os indivíduos e a coletividade “constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. O papel da educação ambiental é a conscientização das pessoas, destacando o cuidado com os impactos socioambientais e a importância do bem-estar social (Affonso; Costa-Pinto; Alves, 2022).

O propósito da educação ambiental consiste em uma consciência crítica do indivíduo por meio do processo continuado de sensibilização, construção de valores,

descoberta e fortalecimento de habilidades, capacidades e competências (Carvalho *et al.*, 2021). Nessa perspectiva de transformação cultural e comportamental, a educação ambiental propõe incentivar as pessoas a se questionarem e se indignarem com aquilo que é contra a vida e que leva à extinção da nossa espécie (Affonso; Costa-Pinto; Alves, 2022).

Todavia, Loureiro e Layrargues (2013) alertam que o conceito central do ato educativo da educação ambiental não é o suficiente para a transformação do mundo, pois é necessário a contínua reflexão e a estruturação de processos participativos que favoreçam a superação das relações de poder e a garantia do exercício da cidadania. Essa práxis educativa, ao ser consolidada, pode transformar tanto a vida de um grupo social ou de uma localidade, resultando em benefícios positivos em diferentes dimensões, seja nos aspectos econômicos, ambientais, culturais, sociais ou políticos (Pinheiro *et al.*, 2021). Não basta lutar por uma nova cultura na relação entre o ser humano e a natureza, é preciso pleitear uma nova sociedade, que seja capaz de transformar o conhecimento, as instituições e as relações sociais, uma vez que a crise ambiental tem origem nas relações sociais, nos modelos de sociedade e de desenvolvimento existentes (Loureiro; Layrargues, 2013).

Em roteiros na natureza, a experiência turística pode ser conduzida com fluidez didática ao facilitar a revelação dos recursos durante as ações de educação ambiental. A preleção precedendo o contato do turista com os atrativos visitados pode revelar os recursos do patrimônio ambiental e cultural (Frank; Neiman; Moreira, 2024). Em áreas protegidas, o ecoturismo surge como única possibilidade de turismo não predatório (Filgueira-da-Silva; Gomes; Moreira, 2020).

Políticas públicas com ações de educação ambiental no turismo ecológico podem ser utilizadas como uma estratégia de preservação e conservação. A sustentabilidade pode atingir vários territórios, sejam eles locais, regionais, nacionais ou internacionais; isso vai depender do grau de importância que tal grupo social contempla esse modelo de sustentabilidade (Camargo; Coelho, 2021). O fenômeno turístico pode despertar a consciência dos turistas quanto às questões ambientais e levá-los a participar de campanhas pela proteção ambiental com base no que aprenderam durante as férias (Swarbrooke, 2000).

## **2.2 O ecoturismo e a comunidade**

O ecoturismo é um segmento que está diretamente ligado à educação e conscientização ambiental, ao desenvolvimento sustentável e à preservação do meio ambiente. Ecoturismo é um segmento turístico que utiliza, de modo sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação na busca de uma consciência ambientalista, além de promover o bem-estar das populações (Brasil, 2010).

A sustentabilidade é um dos principais elementos visíveis nos conceitos de ecoturismo. O seu crescimento tem tomado uma proporção crescente com o passar dos anos, por conta da busca por atividades que minimizem os impactos causados pelo turismo. O ecoturismo é uma perspectiva primordial na busca por um turismo sustentável, sendo aquele que melhor dialoga com objetivos sustentáveis, como a conservação da biodiversidade, proteção ambiental, bem-estar social e valorização das culturas tradicionais (Casemiro; Simões; Moraes, 2022).

Ecoturismo, definido por Ceballos-Lascuráin (2002), compreende viajar para áreas naturais conservadas e não perturbadas com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a paisagem e suas plantas e animais, assim como quaisquer outras manifestações culturais – passadas e presentes – nestas áreas encontradas. Este segmento do turismo busca a lógica da utilização sustentável do patrimônio natural e cultural atrelado à conservação, ao desenvolvimento econômico e à busca de uma consciência ambientalista pela interpretação do ambiente (Camargo; Coelho, 2021).

O ecoturismo tem como pressuposto a consciência ambiental, social e cultural dos envolvidos na prática da atividade. Entretanto, além da responsabilidade que se exige do papel do planejador da atividade, deve-se também salientar a importância do papel do turista nesse processo, principalmente por conta de seu comportamento durante a atividade turística, pois isto pode gerar impactos diretos e indiretos no meio ambiente e na comunidade (Casemiro; Simões; Moraes, 2022).

O ecoturismo é um segmento de valorização dos aspectos locais e ambientais, além de servir como exemplo de novas formas de empreendedorismo rural e sustentabilidade ambiental (Carvalho *et al.*, 2021). Em algumas localidades, a comunidade participa da

execução da atividade turística e atua no processo decisório de planejamento do turismo. A literatura e parte do mercado trata esse exemplo o nomeando de turismo de base comunitária. Em teoria as comunidades deveriam ter uma organização para participar e opinar sobre todas as políticas e decisões relacionadas ao turismo; no entanto, na maior parte dos casos, esse poder de decisão acaba sendo centralizado no poder público ou no mercado privado dominante, no qual poucos empresários acabam tendo um maior controle e participação nessas decisões (Jaramillo *et al.*, 2020).

O turismo de base comunitária oferece mecanismos de controle da exploração de atrativos turísticos de modo a permitir o desenvolvimento regional, com geração de renda proveniente de estabelecimentos de pequeno porte que beneficiam diretamente os membros da comunidade, preservando características da identidade sociocultural peculiar de cada grupo social (Almeida; Emmendoerfer, 2023).

Na literatura, o termo turismo de base comunitária é utilizado em relação às práticas turísticas envolvendo a visitação à comunidade cuja identidade se expressa no produto turístico ofertado, tendo como propósito uma relação mais justa entre os atores do turismo e menos excludente socialmente (Almeida; Emmendoerfer, 2023). O turismo de base comunitária tem sido vinculado à produção associada ao turismo e isso envolve as riquezas, os valores e os atributos naturais ou culturais de uma determinada localidade, capazes de agregar valor ao produto turístico (Brasil, 2011).

Quando o turismo começa a se instalar e a comunidade tem o conhecimento das suas implicações, é comum que a percepção do turismo pelos residentes dos países receptores se altere com o tempo (Lage; Milone, 2000). Conforme Lickorish e Jenkins (2000), no momento em que os turistas chegam a um determinado local, eles não levam apenas o capital para usufruir do turismo, eles trazem um tipo diferente de comportamento, o qual pode transformar profundamente os hábitos sociais locais através da padronização cultural, da remoção e da perturbação das normas estabelecidas pela população residente. Ressalta-se a importância do ecoturismo, pois ele tem o poder de sensibilizar residentes e turistas, envolvendo e fortalecendo a comunidade local a fim de ocasionar em ações socioambientais benéficas (Affonso; Costa-Pinto; Alves, 2022).

A conscientização de que é necessário a valorização dos aspectos sociais, ambientais e econômicos deve ser explanada para os participantes da atividade turística

por meio da educação ambiental, assim igualmente os residentes perceberão que seus patrimônios são importantes e passarão a valorizá-los mais por conta desse processo de sensibilização (Affonso; Costa-Pinto; Alves, 2022; Carvalho *et al.*, 2021; Brum, 2010). É importante que o desenvolvimento gerado por conta do turismo seja compatível com o modo de vida da comunidade para que suas identidades e tradições não se percam e nem sejam alteradas. Preservando, dessa forma, o legado cultural da comunidade para as futuras gerações.

### **2.3 Turismo de Aventura**

O propósito desta subseção foi refletir sobre o turismo de aventura, apresentando suas diferenças para o ecoturismo, uma vez que este objetiva o desenvolvimento sustentável da região, pautada no bem-estar social, na preservação da natureza e na conscientização da população – elementos que comumente não são tratados como prioridades no turismo de aventura (Carvalho *et al.*, 2021).

Nem todas atividades turísticas na natureza necessariamente terão as práticas sustentáveis e a educação ambiental como foco principal. O Ministério do Turismo (MTur) conceitua o turismo de aventura como a atividade que contempla os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo (Brasil, 2010). O turismo de aventura é compreendido como os deslocamentos motivados para a prática de atividades de aventura; ele transcende o aspecto contemplativo da natureza, posto que a experiência prática e ativa se caracteriza como fator estimulante para a decisão do indivíduo em vivenciá-lo (Claudino *et al.*, 2022).

Conforme a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura, o turismo de aventura surge no Brasil na década de 1990 e os seus praticantes procuram uma atividade que envolve algo novo, desconhecido e inexplorado, que provoque sensação de risco ou conquista (ABETA, 2008). Os turistas talvez queiram sentir, de alguma forma, a sensação do incerto e do desconhecido, porém igualmente querem que a viagem acabe dentro do programado (Buckley; Uvinha, 2011).

Toda atividade turística praticada implica em uma geração de impactos, podendo ser positivos e/ou negativos (Claudino *et al.*, 2022). O turismo de aventura gera impactos ambientais por meio de três mecanismos fundamentais: as viagens de longa distância para

destinos remotos; o uso de instalações principais de turismo; e a aventura em si; todavia, os impactos dependem do ecossistema, do clima, da duração da atividade, dos equipamentos utilizados, do tamanho do grupo e do comportamento dos turistas (Buckley; Uvinha, 2011).

As definições de turismo de natureza, turismo de aventura e ecoturismo se misturam em determinado grau, embora possuam diferenças conceituais. O ecoturismo obrigatoriamente envolve os princípios conservacionistas, preocupando-se com a sustentabilidade e deve incluir a educação ou interpretação ambiental. O turismo de natureza está relacionado às características do local, ao perfil do indivíduo e ao próprio mercado, que é o grande indutor na formatação desses produtos (Martins; Silva, 2018). O turismo de aventura compreende deslocamentos incitados para a prática de atividades de aventura, que engloba riscos controlados e de conhecimento dos praticantes (Buckley; Uvinha, 2011). Essa ação pode ou não exigir do turista uma habilidade específica prévia, como por exemplo, saber remar um caiaque, isto vai depender do tipo de atividade turística. Ao descrever o caiaquismo, o Ministério do Turismo o insere dentro das atividades de canoagem, sendo uma prática realizada em canoas e caiaques, indistintamente, em mar, rios, lagos, águas calmas ou agitadas (Brasil, 2010).

### **3. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa cujos dados foram obtidos na comunidade da Barra de Cunhaú, em 2023. Durante a observação participante foram realizadas entrevistas com auxílio de roteiro semiestruturado que facilitou o método da história oral. Cita-se a importância do pesquisador neste tipo de abordagem, posto que no turismo as pesquisas qualitativas podem contribuir tanto para o conhecimento científico quanto para a sua aplicabilidade nas diversas esferas da sociedade (Alves, 2011). Levou-se em consideração que, a observação participante implica saber ouvir, escutar, ver e fazer uso de todos os sentidos para compreender como vivem os indivíduos de determinado grupo social, interpretando suas crenças e práticas. A observação participante não é uma prática simples, pois é repleta de dilemas teóricos e práticos que cabe ao pesquisador gerenciar (Valladares, 2007).

No contexto da comunidade pesqueira, utilizou-se um roteiro de 14 perguntas como instrumento auxiliar, contendo questões semiestruturadas voltadas para os empresários do setor privado do turismo da comunidade de Barra do Cunhaú/RN. A análise foi conduzida de modo semelhante à proposta de história oral de Alberti (2005). Segundo a autora, a história oral pode ser aplicada como método de investigação científica, fonte de pesquisa, técnica de coleta de dados ou por produção e tratamento de depoimentos gravados (Alberti, 2005). A partir do roteiro, desenvolvido somente após as percepções iniciais da observação participante, buscou-se verificar: o fluxo turístico na localidade; a participação da comunidade na Caiacada Ecológica; a relação da Caiacada Ecológica com a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. Realizou-se a coleta de dados por meio de entrevistas gravadas presencialmente e por meio dos registros fruto das percepções, interações e conversas informais fundamentadas na observação participante.

Com base no método da história oral, o plano para análise dos dados consistiu na transcrição manual das entrevistas e, posteriormente, na análise e interpretação dos depoimentos. O estudo observou a Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012, que trata de pesquisa com seres humanos, respeitando os preceitos éticos. Todos os entrevistados assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), concordando em participar da pesquisa e autorizando a gravação da entrevista.

O grupo de entrevistados inclui comerciantes locais residentes da comunidade. São proprietários de pousadas, restaurantes e barracas, que representam um interesse coletivo, pois possuem uma percepção da atual conjuntura local e conhecimento sobre as urgências e carências da região. Esclarece-se que para a definição da amostra, a observação participante foi primordial, uma vez que possibilitou o conhecimento prévio das relações sociais e das nuances da localidade. O perfil dos entrevistados apresenta uma maioria do sexo masculino, pouco mais da metade tem menos de 40 anos e com ensino médio incompleto, conforme Tabela (1).

**Tabela 1. Perfil sociodemográfico dos entrevistados na Barra do Cunhaú RN, 2023.**

*n* = 11

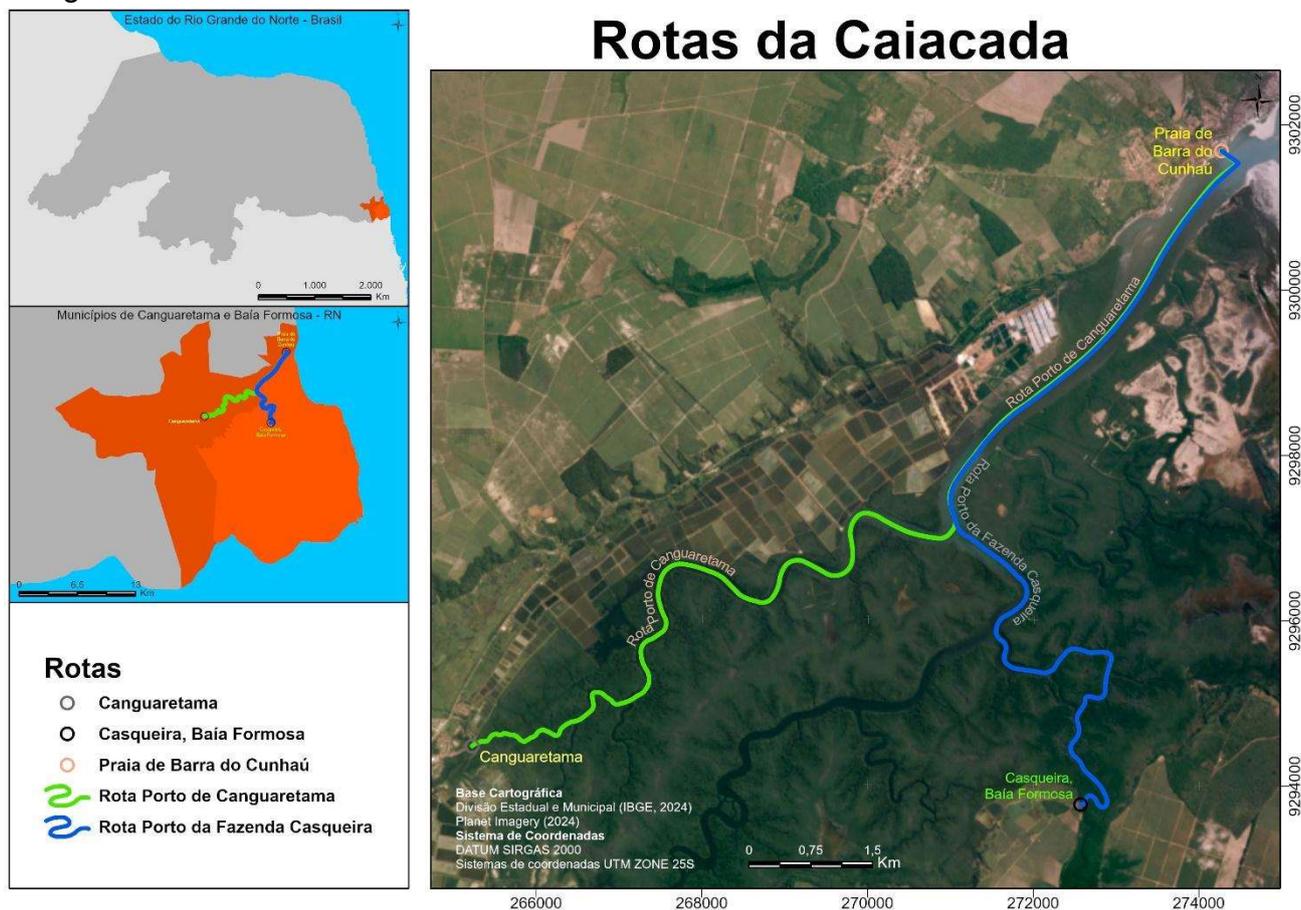
%

<b>Idade (em anos)</b>		
20 a 39	6	54,55
40 a 70	5	45,45
<b>Escolaridade</b>		
Inferior ao Ensino Médio	7	63,64
Ensino Médio completo/superior incompleto	4	36,36
<b>Sexo/gênero</b>		
Feminino	4	36,36
Masculino	7	63,64

Fonte: autores, 2024.

### 3.1 Caiacada Ecológica: apresentação do objeto de estudos

Figura 1 - Percurso fluvial da Caiacada Ecológica e mapa dos municípios de Canguaretama/RN e Baía Formosa/RN



Fonte: autores, 2024

Barra de Cunhaú pertence ao município de Canguaretama/RN, que tem como principal atrativo turístico a própria praia de Barra de Cunhaú; local em que a praia e o rio se encontram (Canguaretama, 2016). O território do município de Canguaretama está 66%

inserido na bacia hidrográfica do Rio Curimataú/Cunhaú (Lima; Silva; Carvalho; Rocha, 2019). Organizaram-se algumas informações em relação às características da cidade e o turismo (Quadro 1). Com cerca de 30 mil habitantes, Canguaretama possui o 29º pior Índice de Desenvolvimento Humano do estado do Rio Grande do Norte. O turismo é uma das principais atividades econômicas do local, evidenciando a importância dessa pesquisa e como o evento pode ser importante para melhorar os índices de desenvolvimento.

Quadro 1 – Características do município de Canguaretama/RN

<b>População</b>	30 mil habitantes
<b>Produto Interno Produto per capita</b>	R\$ 17.397,55 (47º maior do estado)
<b>Índice de Desenvolvimento Humano - IDH</b>	0,579 (138º maior do estado)
<b>Principais atividades econômicas</b>	Turismo, Carcinicultura, Comércio e Agricultura
<b>Número de visitantes anuais</b>	100 mil
<b>Alta temporada (meses)</b>	Dezembro a Fevereiro / Junho a Julho

Fonte: Plano Municipal de Turismo de Canguaretama, 2016.

Podem ser considerados atrativos turísticos todos os lugares, objetos ou acontecimentos que motivam o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los (Fernandes, 2011). Sendo assim, um destino pode ser escolhido não somente pelo lugar, mas também por um evento, como por exemplo, a Caiacada Ecológica. O evento surgiu em 2005, quando alguns moradores de Barra do Cunhaú se juntaram e organizaram um passeio pelos rios Cunhaú e Curimataú com o intuito de lazer; o objetivo era se socializar, vislumbrar a paisagem do percurso e praticar uma atividade de aventura e/ou de lazer, que seria remar com o caiaque náutico.

Posteriormente, a Caiacada Ecológica teve a participação de veranistas da praia e com o seu crescimento, conseqüentemente, o aumento no número de turistas (Lima *et al.*, 2019). O trajeto do passeio é de aproximadamente 12,5 km, saindo de uma fazenda particular, percorrendo o Rio Curimataú até chegar à praia de Barra do Cunhaú/RN; e em algumas ocasiões o trajeto foi de aproximadamente 18 km, saindo próximo à cidade de Canguaretama/RN.

A maior parte do trajeto é feito em meio ao mangue, vegetação típica de zona da costa do litoral que se desenvolve nas regiões pantanosas ou às margens dos rios, no qual elementos naturais se unem para proporcionar uma experiência nova e única. Por meio da observação participante e das entrevistas, percebeu-se que a presença dos moradores na

organização do evento faz com que a comunidade se sinta mais incluída no turismo e nesta atividade. Nas figuras (2a) e (2b) é possível ver fotos da concentração do evento em uma de suas edições no município:

Figuras 2a e 2b – Fotos da preparação para o evento



Fonte: Autores (2008, 2023).

Desde o seu início houve uma preocupação com o meio ambiente, sua conservação e para que nenhum tipo de lixo produzido ficasse pelo caminho, além disso, também tinham o intuito de coletar o lixo que existia nas margens do rio durante o trajeto, demonstrando a preocupação da Caiacada Ecológica com a educação ambiental e com os pilares do ecoturismo. Embora não tenha sido idealizado com o objetivo de se tornar um produto turístico, com o passar do tempo o evento foi tomando esse formato.

A Caiacada Ecológica acontece anualmente iniciando com um café da manhã, depois disso, os organizadores providenciam ônibus para o transporte dos caiaques e dos participantes até o local de saída. Durante o trajeto (Figuras 3a e 3b), cercado pelos mangues, existem barcos de apoio para suporte e para se certificar que ninguém se perca ou fique para trás. Na chegada, há uma feijoada e uma banda musical, que propiciam momentos de lazer, entretenimento e interação social.

Figuras 3a e 3b – Fotos de parte do trajeto da Caiacada e dos mangues



Fonte: Autores (2023).

Os autóctones possuem um profundo conhecimento sobre o ambiente, sendo agentes elementares para o planejamento e realização do evento. Petrocchi (2002) explica que o turismo depende da população anfitriã, em todos os aspectos, seja para existir uma relação harmônica e hospitaleira ou na própria qualidade do serviço prestado. E acrescenta, afirmando que, o planejamento do turismo deve passar por um programa de conscientização da população para a importância dessa atividade.

## 4. RESULTADOS

### **4.1 Percepção de empresários sobre a contribuição da Caiacada Ecológica para a comunidade**

A maioria dos entrevistados acredita que a Caiacada contribui para o desenvolvimento da comunidade. No geral, a aceitação dos entrevistados em relação ao evento é consideravelmente positiva, tendo como justificativa principalmente a esfera econômica e a divulgação da localidade: “contribui; eu acho que no comércio, assim é um passatempo para o pessoal que todo ano tem, as camisas, e isso e aquilo outro” (Entrevistada 1). A caiacada “traz desenvolvimento a cidade, questão financeira também, todo mundo se diverte e fica uma cidade mais animada, não fica tão parada” (Entrevistado 5). No turismo, é comum que as principais justificativas para a aceitação da atividade turística na região sejam fundamentadas na dimensão econômica, assim como acontece em Barra de Cunhaú. Apesar do evento ter potencial para a divulgação do local como

destino turístico e até mesmo para práticas de educação ambiental, a Caiacada Ecológica acontece somente uma vez por ano, limitando o impacto do evento nas diversas esferas da sustentabilidade. Os agentes do turismo poderiam pensar em alternativas para aumentar a periodicidade do evento ou para atrair o público interessado em outros períodos, com propostas similares.

Carvalho *et al.*, (2021) salientam a importância da participação dos residentes na atividade turística para a valorização da cultura local e, por conseguinte, um aumento do sentimento de pertencimento e identidade dos moradores com o próprio local. Os entrevistados também enfatizam a importância da participação da comunidade no evento, pois eles, os nativos, conhecem a região, o rio e os que porventura não conhecem passam a conhecer. Acreditam igualmente que isso contribui para a valorização da cultura e do seu local de origem, como demonstra a afirmação de um entrevistado sobre a importância da participação.

É bom. Pelo menos eles vão conhecer o mangue. Eles dão aula lá 'né?' Fala sobre o mangue, conhece. Tem gente que tem as coisas e não dá valor (Entrevistado 8); É importante porque, assim pra eles é um esporte a Caiacada, até meus parentes, meus sobrinhos todos vão e gostam muito e ganham também dinheiro porque a Caiacada dá prêmio 'né?' É um esporte, é um lazer (Entrevistada 2); Acho, eles tanto participam quanto eles apoiam, é interessante isso. Porque é um evento legal, é um evento que não é uma competição assim, é tipo um passeio deles mesmos (Entrevistado 5).

De acordo com a fala do Entrevistado 5, percebe-se que as características da Caiacada estão conectadas ao conceito de turismo de aventura do Ministério do Turismo (Brasil, 2010), que compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo. A educação ambiental e a valorização desse aprendizado são apontadas por um entrevistado, enquanto outro indica que seus amigos e familiares costumam participar do evento. Affonso, Costa-Pinto e Alves (2022) salientam a necessidade da conscientização e participação da sociedade na atividade turística, seja no planejamento ou para que o espaço também seja utilizado como momento de lazer e entretenimento dos residentes, elevando assim a qualidade de vida da região. Nesse sentido, acredita-se que o evento pode ser considerado uma opção de lazer para os moradores, principalmente os jovens, pois no local não há tantas oportunidades de lazer e diversão segundo os participantes da pesquisa. A participação na Caiacada pode contemplar atividades dentro dos diversos interesses do lazer, como remar um caiaque

(físico), apresentação musical (artístico), ações de aprendizado (intelectual), interação entre os participantes (social) e o próprio interesse turístico.

Todos os atores entrevistados acreditam que o turismo pode ser um agente transformador na economia local, mesmo sendo uma atividade sazonal, acreditam no potencial turístico de Barra do Cunhaú, porém demonstram insatisfação com a falta de investimentos no local. O Entrevistado 9 afirma ser "muito fraco, não tem investimento, o investimento é muito pouco para atrair os turistas." Enquanto outro entrevistado reafirma: "no geral eu penso que Barra do Cunhaú deveria se desenvolver mais a respeito do que ela tem hoje, Barra do Cunhaú tem porte, mas ela não tem investimento público". O município de Canguaretama possui apenas o 138º maior Índice de Desenvolvimento Humano do estado, portanto, a ausência de políticas públicas é visível não somente no turismo, porém, em todos os serviços básicos e de infraestrutura.

É papel do governo implementar projetos destinados ao aperfeiçoamento ou criação da infraestrutura urbana básica, como melhorias na iluminação pública, nas vias de acesso, na segurança pública, no sistema de abastecimento de água e no tratamento do esgoto (Fernandes, 2011). Outro entrevistado indicou a necessidade de investimento, porque se acredita que quanto mais tempo o turista permanecer no local, mais ele pode contribuir para a economia; fenômeno este igualmente citado por John Tribe (2003).

Em relação à esfera econômica, boa parte dos entrevistados declararam que a Caiacada Ecológica gera impactos positivos, enquanto uma menor parte alega existir uma concentração do lucro em um determinado grupo de grandes empresários, não existindo uma divisão igualitária para a comunidade. Alguns microempresários manifestaram preocupação para a possível existência de um monopólio e a falta de participação da comunidade no comércio e na divulgação dos serviços. Declaram existir um monopólio do turismo local, onde dois empreendimentos concentram grande parte dos turistas que frequentam a praia, segundo a fala de um entrevistado, "o turismo em Barra do Cunhaú ele é preso, é um turismo preso, o turismo gira em torno de duas pessoas, quando tiver um governante que olhar melhor pro turismo de Barra do Cunhaú tudo vai melhorar".

Durante as entrevistas, questionamos um dos empresários citados por fazer parte do monopólio, em resposta ele justifica que isso na verdade se dá ao fato dele possuir

parcerias com empresas de turismo receptivo e procurar buscar sempre novos turistas, então, segundo ele “o pessoal daqui não entende isso, eles acham que o pessoal vem espontaneamente, mas não, a gente investe, a gente procura, corre atrás, ontem mesmo eu recebi 45 agentes de viagem, ninguém sabe disso”.

Uma das premissas do turismo de base comunitária é a produção de benefícios territoriais endógenos, que equilibram as dimensões sociais, culturais, econômicas e ambientais. É um segmento com potencial de reduzir as desigualdades socioeconômicas para um desenvolvimento local mais sustentável (Almeida; Emmendoerfer, 2023). No ecoturismo, preza-se, igualmente, pela geração de empregos e renda, valorização da cultura local e desenvolvimento social por meio da participação da comunidade (Carvalho *et al.*, 2021).

Percebe-se que possivelmente um dos pilares de ambos segmentos não está sendo praticado – embora um dos empresários negue essa informação. Tal situação relatada é perigosa e conflita com a concepção do ecoturismo, segmento este alcunhado inicialmente como característica da Caiacada Ecológica em Barra do Cunhaú. A descoberta desse entrave só foi possível por conta da proposta de pesquisa empírica, amparada na entrevista e na observação participante, dado que tais técnicas de coleta de dados permitem a imersão em um outro universo, compreendendo aspectos subjetivos e o entendimento das dinâmicas e conflitos dos atores sociais (Valladares, 2007). Dessa forma, seria ingênuo classificar o evento como um turismo de base comunitária ou ecoturismo, por conta dos conflitos e da suposta concentração de poder por parte de alguns empresários. Por mais que exista uma relação de pertencimento e organização comunitária para a realização do evento, o controle e os benefícios focalizados em poucos empresários indicam que a Caiacada Ecológica não se trata de um exemplo de turismo de base comunitária. Em outras palavras, é necessário a descentralização de poder e a participação ampla e justa dos empresários locais para enquadrarmos como ecoturismo.

Sobre os benefícios que a Caiacada traz para a comunidade, os entrevistados citaram o crescimento do fluxo de turistas, a divulgação da Barra de Cunhaú e a maior procura pelos serviços de alimentos e bebidas que, por conseguinte, aumenta temporariamente o número de empregos nesse setor. Em relação às consequências negativas, os impactos ambientais, no geral, são mais perceptíveis. No entanto, o turismo

pode ocasionar também malefícios para os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. No intuito de minimizar esses impactos, é necessário que haja um planejamento adequado, baseado nas premissas do desenvolvimento sustentável (Camargo; Coelho, 2021). Um evento como a Caiacada Ecológica pode propiciar diversos benefícios para a comunidade, como a geração de empregos, redistribuição de renda, opção de lazer para os moradores, acentuar os valores de uma comunidade, garantir a conservação cultural e ecológica, renovar e preservar as tradições locais.

Quando questionados, os entrevistados foram unânimes em dizer que não há desvantagens na opinião deles, pelo contrário, seria mais um atrativo para o local e possibilidade de aumento de renda. Ao citar os aspectos positivos, os respondentes manifestaram exemplos benéficos dentro das dimensões sociais, culturais, econômicas e ambientais da sustentabilidade. Nessa direção, Carvalho *et al.* (2021) também apontam os benefícios socioambientais e o crescimento global dos padrões de vida devido ao estímulo econômico gerado pelo aumento do fluxo turístico. Cita-se o exemplo da fala do entrevistado (9), pois quando se trata de impactos positivos do turismo, as primeiras percepções geralmente caminham em direção ao aspecto econômico; todavia, ele mencionou resultados positivos para a dimensão ambiental e para o ecossistema local:

Não, eu inclusive eu acho até bom porque eu nunca fui não pra Caiacada, mas eles falam que vem fazendo limpeza no mangue também, tirando saco plásticos que eles vão botando, tem um depósito para colocar, isso aí acho até uma vantagem, é tipo um mutirão que eles fazem, tem sentido, inclusive eu sou até patrocinador também da Caiacada, porque quando tem benefício para o lugar eu 'tô' dentro, e eu fico muito satisfeito quando o turista vem para cá e ele volta satisfeito (Entrevistado 9).

Em relação às contribuições da Caiacada na preservação ambiental, um dos entrevistados explica que, o evento colabora “pela forma que vem fazendo, fazendo esse mutirão, fazendo a limpeza no manguezal, conscientizando o pessoal pra não jogar nada no rio, não poluir e pelo contrário, fazer a limpeza” (Entrevistado 9). Outro entrevistado alega que a conscientização do turista pode surgir a partir da educação proporcionada pelo contato direto com a natureza e o estímulo de limpeza do rio que é feito na Caiacada, segundo ele, “é difícil você ver algum turista que vá pra dentro do mangue como ela vai, a Caiacada né, o povo tem mais aquele contato e se conscientiza” (Entrevistado 5).

É um evento que ele agrega muita coisa, agora assim, contribuir, o pessoal pode vir fazer uma visita no manguezal e ver que realmente as coisas ultimamente se andam muito danificadas. O que tem de contribuição é que faz as pessoas terem um pouco

mais de consciência, a Caiacada não vai invadir o mangue, é uma coisa que se faz no leito do rio. Também acho que não é prejudicial porque, os motores de alguns barcos que vai, mas isso é uma vez por ano, não é o caso de você ver essas balsas aí que tão matando o rio aí essas coisas demais, isso não é área para isso, ai chega a alta então é moto aquática pra todo lugar, isso que tem que ser barrado, isso que prejudica o manguezal, a entrada de peixes aqui, redes, pesca predatória, isso que danifica o meio ambiente, eu acho que a Caiacada não (Entrevistado 6);

A educação ambiental deve fornecer caminhos para que o educando consiga refletir sobre o princípio desse desenvolvimento, considerado por muitos como um modelo a ser seguido, principalmente para os trabalhadores que trabalham com o ecoturismo. (Camargo; Coelho, 2021). Sobre a conscientização ambiental em Barra do Cunhaú, a maioria dos empresários notam que os participantes se preocupam com a preservação do meio ambiente. O Entrevistado 5 afirma que os participantes da Caiacada demonstram consciência ambiental, “até porque eles têm um projeto aqui de limpeza da praia; para informar aquele que não tem cultura para não jogar o lixo na rua.”

Para que a atividade turística seja considerada ecológica ou inserida no ecoturismo, não basta apenas o contato com a natureza, tampouco realizar atividade física e ou de aventura em contato com a natureza. O “ambiente” não é apenas composto por conteúdos ecológicos ou ambientais, mas também de conteúdos sociais e culturais específicos e contraditórios, promovida pela lógica do mercado (Loureiro; Layrargues, 2013). É necessário todo o engajamento dos profissionais envolvidos, desde o planejamento à responsabilidade ambiental, bem como a participação da comunidade.

Os profissionais engajados na prática do turismo necessitam estar conscientes da relevância da preservação do ambiente explorado e preparados para passar aos turistas as informações necessárias para que estes disponham do conhecimento suficiente para apreciar os atrativos locais, prezando pela conservação do seu ecossistema. Independente do segmento turístico, é necessário um planejamento que integre também a comunidade nesse processo.

Apesar das ações de educação ambiental citadas pelos entrevistados, é difícil dizer que o evento é uma referência nesse sentido. As ações acontecem, de um ponto de vista comunitário e colaborativo, no qual os próprios participantes do evento – organizadores ou não – buscam conscientizar os demais. No caso da Caiacada Ecológica, as iniciativas não acontecem por meio de um planejamento complexo ou de políticas públicas de educação ambiental por parte do poder público; elas são motivadas pelos laços de identidade e

afetividade dos moradores com o local. É uma tentativa da comunidade assumir a ausência do Estado.

#### **4.2 Percepção dos empresários sobre o perfil do turista habitual e o turista da Caiacada**

A observação participante proporciona o aprofundamento em saberes e práticas, reconhece ações e representações coletivas de determinado grupo social (Rocha; Eckert, 2008). Considerando a observação participante e os dados analisados através das entrevistas, acredita-se que o perfil dos participantes do evento é composto – no geral - por moradores ou visitantes das regiões próximas. Tal afirmação é fundamentada principalmente pelo relato dos participantes da pesquisa, o qual afirmam que a maior parte dos turistas reside nas regiões próximas, como outras cidades do Rio Grande do Norte ou até mesmo da Paraíba.

Quando questionados especificamente sobre o aumento do fluxo de turistas e a demanda por serviços devido ao evento da Caiacada Ecológica, as opiniões se divergiram. Alguns alegam que a concentração da Caiacada em um determinado local faz com que os turistas se concentrem em outros locais e não procurem determinados comércios e restaurantes para irem. Entretanto, outros entrevistados afirmam que os turistas aumentam o consumo e a rentabilidade de seus empreendimentos.

Aumenta bastante. Geralmente quando tem muita gente aqui, inclusive na Caiacada a gente arruma mais duas pessoas para dar auxílio ao pessoal” (Entrevistado 3);  
Não influi em nada a Caiacada, quem vem já são os clientes de todo final de semana que aparece, que tem os clientes certos, porque a concentração é toda ali da organização (Entrevistada 7);  
Aumenta, é muito bom, atrai o turismo pra cá, é bom. Melhora a circulação de pessoas. É muito bom (Entrevistada 2);  
Muito, muito, muito mesmo. A Caiacada é uma coisa que faz parte do turismo e é muito legal, legal mesmo, um projeto bem bacana mesmo (Entrevistado 5);  
Aumenta, só que tudo hoje é em termos de política, então assim realmente vem muita gente na Caiacada, mas não são todos os barraqueiros que são beneficiados, vamos supor, fazem em uma barraca e ali todo mundo naquela barraca, então a gente não tem esse benefício todo. Na Caiacada não. (Entrevistada 10).

A Caiacada Ecológica funciona como um atrativo turístico, contudo, é interessante que sejam criadas estratégias para que a comunidade se beneficie amplamente dessa atividade. Tal como explica Teles (2011), um melhor equilíbrio no fluxo dos turistas em uma localidade demanda um esforço conjunto entre governos e empresários, envolvendo,

dentre outras, a elaboração de um calendário de eventos menos concentrado nas altas temporadas.

#### **4.4 Projeções dos entrevistados em relação ao turismo na comunidade para os próximos 10 anos**

Nove entrevistados opinaram favoravelmente ao eventual aumento do fluxo turístico no local, sob a justificativa da contribuição para o desenvolvimento da comunidade local. Apenas dois entrevistados apresentam uma dualidade de pensamento sobre o desenvolvimento do turismo na comunidade, um deles diz que: “seria bom porque pode trazer progresso, trabalho, porque tem muito desemprego, mas também traria muita coisa ruim, muita bandidagem” (Entrevistada 2); o outro entrevistado (3) afirma que: “seria bom de uma forma e ruim de outra porque Barra do Cunhaú, como eu lhe disse, ela não tem investimento suficiente para comportar tantas pessoas em Barra do Cunhaú”.

Os entrevistados ressaltam a importância econômica do turismo no desenvolvimento da comunidade, porém destacam a necessidade de investimento no local. A infraestrutura e o emprego e renda são os tópicos mais citados quando questionados sobre os temas mais importantes na relação entre atividade turística e impactos (positivos ou negativos). Uma das perguntas do roteiro semiestruturado buscou uma projeção da comunidade para os próximos dez anos inspirados nos possíveis impactos da atividade turística. Em prospecção, alguns defendem a necessidade de uma maior presença do poder público para a coordenação e gestão das políticas públicas em Barra de Cunhaú, bem como nas melhorias dos serviços básicos fornecidos à comunidade, como infraestrutura e segurança. Segundo eles, a projeção depende da aproximação do poder público no futuro; pois, caso não tenha, o pessimismo ganha maior destaque.

Para alguns, a percepção é de regressão, além dos problemas supracitados, alegam a existência de concorrência de outros municípios que dificultariam o crescimento do turismo local. No entanto, os entrevistados enfatizam que caso exista um maior investimento em políticas públicas na localidade, os resultados podem ser positivos. A ausência de um planejamento voltado para o desenvolvimento sustentável e que integre a comunidade na sua elaboração, pode causar um desequilíbrio, seja ele econômico, ecológico ou cultural (Casemiro; Simões; Moraes, 2022).

Os aspectos econômicos do turismo para acelerar o desenvolvimento local, incluindo a geração de renda, sempre são citados como fatores positivos para a localidade em que a atividade é exercida, mas é preciso lembrar que nem sempre essa renda é suficiente para promover uma real melhoria na qualidade de vida da comunidade anfitriã (Camargo; Coelho, 2021). Por isso, é importante que a atividade turística seja bem planejada, a fim de atender as necessidades da comunidade e os desejos dos turistas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura aponta o turismo sustentável (ecológico e com protagonismo da comunidade) como o único que se alinha ao desenvolvimento sustentável como uma forma de crescimento atento às necessidades das gerações atuais e futuras. Além dos possíveis impactos ambientais, o turismo sustentável deve preocupar-se igualmente com os impactos econômicos e sociais que podem ser causados nas localidades devido à atividade turística. Faz-se necessária a ação conjunta entre atores da Universidade local, no sentido de promover o protagonismo da comunidade para o reconhecimento e valorização dos recursos naturais e dos atributos culturais locais e regionais.

O estudo sinaliza a importância do planejamento ambiental e turístico para que a atividade turística esteja alinhada aos preceitos do desenvolvimento sustentável. No evento da caiacada em Barra do Cunhaú, constatou-se que os empresários são unânimes em apontar a falta de investimento do setor público na infraestrutura básica e turística. Mesmo com a suposta carência de investimento público, o evento continua acontecendo, pelos esforços da comunidade, tornando-se uma tradição no município, como uma experiência única capaz de aflorar os sentimentos de pertencimento e identidade dos moradores com o evento.

Embora tenha se constatado nos relatos de história oral a existência de alguns conflitos e suposta concentração do fluxo turístico por determinados empresários e empreendimentos de Barra do Cunhaú, é importante ressaltar a presença da comunidade na organização do evento. Evidenciou-se uma contribuição econômica, apesar da concentração em poucos empresários e da falta de comunicação ou diálogo deles com os demais membros da comunidade. No entanto, as supostas concentrações de renda e de

poder por parte de alguns empresários caminham em direção contrária ao turismo de base comunitária e contradiz com um dos princípios do ecoturismo. Cabe aos agentes envolvidos, a resolução dos conflitos e a busca por uma maior descentralização da atividade turística; e claro, a presença do poder público e da Universidade e seus pesquisadores na proposição de planejamentos e avaliação das atividades de turismo na natureza, para que a esfera pública facilite e apoie o planejamento inclusivo e participativo da comunidade.

Conclui-se que a Caiacada Ecológica, apresenta-se como um evento que proporciona experiência de aventura na natureza. O evento caracteriza-se como turismo de aventura com caráter recreativo, mas que detém qualidades do ecoturismo devido às iniciativas que buscam sensibilizar sobre a conservação ambiental durante o lazer e entretenimento.

Como limitações da pesquisa, cita-se o foco em um único grupo social (empresários), ainda que moradores e, ao mesmo tempo, donos de empreendimentos. Para novos estudos, sugere-se a ampliação desse público e a investigação das atividades turísticas com caráter comunitário e participativo, objetivando verificar as nuances e características do ecoturismo, do turismo de base comunitária e do turismo de aventura, especialmente quando localizados em municípios litorâneos de rico mananciais e estuários.

## REFERÊNCIAS

ABETA (2008). Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil.

AFFONSO; G. U. M.; COSTA-PINTO, A. B.; ALVES, D. D. P. Interpretação ambiental e Educação Ambiental crítica no ecoturismo: definindo critérios para analisar o plano interpretativo do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 17, n. 4, p. 167-194, 2022. <https://doi.org/10.34024/revbea.2022.v17.13130>.

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.

ALMEIDA, T. C.; EMMENDOERFER, M. L. Turismo de base comunitária e desenvolvimento local sustentável: Conexões e reflexões. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 11, n. 1, 2023. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2023v11n1ID29163>.

ALVES, M. L. B. Reflexões Sobre a Pesquisa Qualitativa Aplicada ao Turismo. **Turismo em Análise**, v. 22, n. 3, p. 599-613, 2011. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v22i3p599-613>.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2024-2027**: O turismo como protagonista de desenvolvimento sustentável e inclusivo. Brasília. Ministério do Turismo, 2024. Disponível em: [www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/PNT/PLANONACIONALDETURISMO.pdf](http://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/PNT/PLANONACIONALDETURISMO.pdf). Acesso em: 29 ago. 2024.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo de Aventura**: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL, Ministério do Turismo **Manual para o desenvolvimento e a integração de atividades turísticas com foco na produção associada**. Brasília: ACG, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF. 27 abr. 1999.

BRUM, J. G. S. A sustentabilidade social do turismo. **Monografia**. Rio de Janeiro, 2010.

BRUNDTLAND, G. H. Nosso Futuro Comum. Fundação Getúlio Vargas. **Relatório. Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU**, 1987.

BUCKLEY, R.; UVINHA, R. R. **Turismo de aventura**: gestão e atuação profissional. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CANGUARETAMA. **Plano municipal de turismo (2015-2025)**: Canguaretama/RN. / Darlyne Fontes Virginio, Renata Paula Costa Trigueiro – Natal: IFRN, 2016, 81p.

CAMARGO, C. F.; COELHO, S. C. A. Aspectos da educação e da interpretação ambiental no Ecoturismo no Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 14, n.1, 2021. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2021.v14.6766>.

CARVALHO, R. R.; MORAIS, F.M; MURY, D. F. T.; SANTOS; F. I. O; ARAÚJO; K. E. R.; SOUSA, A. M. B.; MARTINZ, J.P. Ecoturismo em comunidades rurais: uma proposta para o desenvolvimento econômico, cultural e social na associação Barra do Saco, Codó–MA. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 3, p. 23047-23057, 2021. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-154>.

CASEMIRO, I. P.; SIMÕES, B. F. T.; MORAES, C. M. D. S. Análise da aplicabilidade da Matriz SWOT na gestão e planejamento em Ecoturismo: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo**, v. 15, n. 1, p. 94-119, 2022. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2022.v15.12603>.

CEBALLOS-LASCURÁIN, H. O ecoturismo como um fenômeno mundial. In:LINDBERG, K.; HAWKINS, D. E. (Org.). **Ecoturismo**: um guia para planejamento e gestão. 4. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, p. 23-29.

CLAUDINO, A.; NASCIMENTO, F. G.; ARAÚJO, M. V. P.; LANZARINI, R. Entraves e oportunidades para a inclusão de pessoas com deficiência física no turismo de aventura.

RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo, [S. l.], v. 12, n. 02, p. 55–70, 2022. DOI: <https://doi.org/10.28998/10.28998/RITURitur.V12.N02.A13736pp.55-7013736>.

FERNANDES, I. P. **Planejamento e organização do turismo**: uma abordagem desenvolvimentista com responsabilidade ambiental. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FILGUEIRA-DA-SILVA.; D.V.; GOMES, A. B.; MOREIRA, S.A. Estudo preliminar da percepção do meio aquático marinho com mergulhadores recreativos no litoral potiguar. **Revista Brasileira de Ecoturismo**. São Paulo, v.1, 3, n.1 2020, pp. 09-27. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2020.v13.6710>.

FRANK, F. B.; NEIMAN, Z.; MOREIRA, S. A. Turismo Pedagógico em Contexto de Patrimônio Natural e Cultural da Vila de Paranapiacaba em Santo André-SP. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 12, n.1, p.132-147. 2024. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2024v12n1ID30637>.

JARAMILLO, C. A. A.; ARCINIEGAS, C. M. A.; SÁNCHEZ, E. O. P.; JANNE, P. C. Innovación social como estrategia para fortalecer el turismo rural comunitario en Colombia. **Revista Venezolana de Gerencia**, v. 25, n. 89, p. 92-104, 2020.

HERNÁNDEZ, A. L R.; MARTÍNEZ, Y. L.; SANTOYO, D. C. Impacto del turismo de naturaleza en el Parque Nacional Viñales. **Avances**, v. 23, n. 1, p. 61-75, 2021.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. (org). **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LICKORISH, L. J.; JENKINS, C. L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campos, 2000.

LIMA, T. B. B. D.; SILVA, M. R. F. D.; CARVALHO, R. G. D.; ROCHA, F. R. F. Caracterização socioeconômica e percepção ambiental dos pescadores artesanais do município de Canguaretama, Rio Grande do Norte–Brasil. **Cadernos de Geografia**, n. 40, p. 67-78, 2019. [https://doi.org/10.14195/0871-1623\\_40\\_5](https://doi.org/10.14195/0871-1623_40_5)

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, educação e saúde**, v. 11, p. 53-71, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462013000100004>.

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR). **Ecoturismo**: orientações básicas. Brasília: Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR). **Manual para o desenvolvimento e a integração de atividades turísticas com foco na produção associada**. Brasília: ACG, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Iniciativas voluntárias para o turismo sustentável**. Departamento de Desenvolvimento do Turismo Sustentável. São Paulo: Roca-OMT, 2004.

PETROCCHI, M. **Hotelaria, planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 2002.

PINHEIRO, P. A.; LEVINO, N.; LIMA FILHO, W. A. Análise da viabilidade econômica de implantação do ecoturismo de base comunitária em unidades de conservação em Murici (AL). *Diversitas Journal*, v. 6, n. 2, p. 2681-2700, 2021. <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v6i2-1734>.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. **Iluminuras**, v. 9, n. 21, 2008. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9301>.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável**: conceitos e impacto ambiental. São Paulo: Aleph, 2000.

TELES, R. M. S. **Turismo e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

TRIBE, J. **Economia do lazer e do turismo**. São Paulo: Manole, 2003.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, p. 153-155, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>.